



A ESCOLA QUE QUEREMOS É A QUE CONSTRUÍMOS JUNTOS: UMA EXPERIÊNCIA PIBID NO ENSINO FUNDAMENTAL

Sofia Vilela Mansur
Haddad¹ Ana Carolina
Nastrini²
Maria Fernanda Pereira Buciano³
Dulcinéia Aparecida Ribeiro⁴
Juliana Rink⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta ações desenvolvidas no subprojeto interdisciplinar de Pedagogia, Biologia e Enfermagem do PIBID Unicamp, no primeiro semestre de 2025, que culminou na criação de um jornal da escola e envolveu os Anos Iniciais e Finais da Escola Municipal Dulce Bento do Nascimento. As iniciativas buscaram levantar questões sobre a vivência do espaço, sobre constituir-se sujeito pertencente a uma escola, bairro, cidade; em diálogo com os eixos de educação ambiental e em saúde. Nos Anos Iniciais, realizamos uma investigação do espaço escolar e de sua interação com o entorno, considerando a visão socioambiental. Exploramos a interação de elementos naturais com a atividade humana, buscando trabalhar conceitos sobre crescimento vegetal, urbanização, convivência, sempre em diálogo com o contexto social das crianças. Nos Anos Finais, a atividade foi de diálogo sobre o ambiente escolar, a partir de uma perspectiva que busca autonomia e comunicação não violenta, ora de forma anônima, ora em conversas coletivas. Refletimos sobre relações agressivas uns com os outros e com a comunidade escolar. Houve certo “silêncio-resistência” dos adolescentes em resposta às propostas que acompanhamos em sala de aula. Entendemos que proporcionar espaços de escuta atenta ao que esses estudantes sentem seria importante para compreendermos essa resistência e criarmos sentidos de pertencimento ao grupo, promovendo possibilidades para que expressassem suas emoções, considerando diálogos também com a saúde coletiva. Estudando nossas vivências, percebemos similaridades: estávamos os dois grupos buscando trabalhar o pertencimento, mesmo que partindo de diferentes demandas. A equipe interdisciplinar planejou, então, usar um instrumento de comunicação comum para partilha dessas experiências e produção de propostas que viabilizem a socialização e potencializem as iniciativas e experiências vividas, trazendo a palavra de toda a comunidade participante. Construindo um jornal coletivo, buscamos fortalecer a ideia de pertencimento à escola, conectando suas vivências.

Palavras-chave: Pertencimento, Educação Ambiental, Educação em Saúde, Jornal.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia / Unicamp, s280299@dac.unicamp.br

² Graduanda do Curso de Pedagogia / Unicamp, a280201@dac.unicamp.br

³ Professora supervisora: Mestra pelo Instituto de Biologia - Unicamp, dulcinea.aparecida@educa.campinas.sp.gov.br

⁴ Professora supervisora: Mestra pela Faculdade de Educação / Unicamp, maria.fernandabuciano@educa.campinas.sp.gov.br

⁵ Professora orientadora: Doutora pela Faculdade de Educação / Unicamp, jurink@unicamp.br



INTRODUÇÃO

As atividades relatadas neste trabalho foram realizadas no contexto do subprojeto interdisciplinar de Pedagogia, Biologia e Enfermagem - Unicamp, com enfoque na formação humana e qualidade social da e na escola pública, em diálogo com os eixos transversais de ambiente e saúde. Elas ocorreram em 2025 na EMEF/EJA Profa. Dulce Bento do Nascimento, localizada no município de Campinas, subdistrito de Barão Geraldo, envolvendo turmas de 2º e 8º anos do Ensino Fundamental nas quais o PIBID atuou.

Conforme o projeto apresentado à CAPES, nosso objetivo é trabalhar os temas de educação ambiental e educação em saúde, na busca pela superação dos desafios desses campos e pelo trabalho interdisciplinar, considerando uma formação crítica, política e cultural; entendendo a necessidade de contemplar a multidimensionalidade da formação humana, envolvendo, por exemplo, as áreas cognitivas, artísticas, culturais, afetivas, entre outras (PIBID Unicamp, 2024). A formação humana, dessa forma, compreende a noção de que os sujeitos educativos são histórica e socialmente implicados, orientados dentro de um processo coletivo que deve ser enraizado na escola e que considere a noção de qualidade social para além dos dados quantitativos (Bertagna *et al.*, 2020).

Nesse sentido, o trabalho com a educação ambiental e em saúde foi sendo traçado em diálogo com um conceito que permeia e costura o cotidiano: o de pertencimento. De pertencer a um território, a uma comunidade, a um corpo. Para Silva (2018), não podemos deixar de considerar a emoção e a afetividade, para além dos conteúdos curriculares e, nesse sentido, o pertencimento escolar seria uma forma de fundir a afetividade que os sujeitos trazem em sua convivência com o espaço, proporcionando “[...] uma forma de incentivar as pessoas a valorizarem e cuidarem do local que estão inseridos” (Silva, 2018, p.133). Assim, torna-se essencial partir da realidade dos alunos, seus conhecimentos, vivências e emoções para construir conhecimentos coletivos e significativos para suas vivências, possibilitando uma forma de aprender que ultrapasse os limites da sala de aula, um “mundo como sala de aula” (hooks, 2021, p.30), repensando o ensino como “[...] elemento permanente da experiência de mundo e da vida real [...]” (hooks, 2021, p.87).

Assumimos esse posicionamento tanto nos Anos Iniciais, nos quais a temática da relação afetiva entre ambiente e ser humano foi disparadora para o questionamento de



relações de urbanização, assoreamento dos rios e poluição, quanto nos Anos Finais, em que a observação dos comportamentos dos alunos na escola levou à problematização das relações e à temática da saúde mental e coletiva. Assumindo essa proposta de tematizar o pertencimento no coletivo, fomos levadas a pensar um meio de comunicação e registro entre equipes do subprojeto e as turmas, em que pudéssemos discutir e compartilhar nossas ações, potencializando a construção do sentimento de pertencer. Assim, o objetivo deste trabalho é socializar e discutir esse conjunto de atividades.

Consideramos alguns referenciais, em diálogo com a formação humana pautada em qualidade social (Bertagna *et al.*, 2020). Em relação à educação ambiental, assumimos uma perspectiva socioambiental, na qual, conforme Carvalho (2004), a ética e sensibilidade mediam uma relação de cidadania ampliada pela dimensão ambiental. Contrapondo-se à visão naturalista de ambiente (reducionista e dicotômica), a autora indica que a perspectiva socioambiental propõe superarmos a dicotomia natureza *versus* homem e almeja a transformação da sociedade, entendendo tal relação com a natureza como um elemento que interage e participa da construção de cultura (Carvalho, 2004).

Em diálogo com essa perspectiva socioambiental, defendemos a importância de compreender e validar o sujeito, partindo da compreensão freireana de que, como educadoras, não podemos deixar de lado o que os educandos trazem consigo de compreensão de mundo, independente da idade (Freire, 2001). Assim, considerar experiências trazidas pelos estudantes é imprescindível no processo de ensino-aprendizagem, já que conectam os conhecimentos socialmente produzidos, sistematizados e estudados na escola, ao que viveram anteriormente e externamente a esse ambiente.

Atravessadas pela perspectiva de que o cenário pós pandêmico escancarou mais ainda as diferenças sociais que constituem nosso país e a urgente necessidade de mudarmos o modo de se relacionar não só uns com os outros, mas também com o ambiente em que vivemos (Butler, 2020), somos levadas a refletir sobre as condições em que crianças e jovens vivem e como constroem sentido às suas existências. As propostas desenvolvidas com as turmas nascem da vontade de relembrar que vivemos em uma comunidade e que é valorizando outras existências que temos a possibilidade de valorizar a nossa própria.



Como analisado por Vygotsky (2007) em sua obra “A formação social da mente”, entendemos que as habilidades cognitivas se constituem a partir do âmbito social experienciado pelo indivíduo; logo, é preciso um olhar crítico para quais subjetividades se formam em um ambiente educacional muitas vezes permeado por comunicações violentas, frequentemente com pouco cuidado estético, carente de diversidade de espaços e áreas verdes em seu interior. Ainda, é difícil semear um sentimento de pertencimento ligado à escola em condições e em que não atuam no ambiente vivido nem o cultivam. De acordo com Silva (2018), a partir da valorização e cuidado com o local onde se inserem, é possível desenvolver o sentimento de pertencimento, já que ele desperta nas pessoas uma identidade, que leva à reflexão sobre o ambiente e uma postura crítica para com o mesmo. O fecundo encontro entre essas referências é ampliado pela concepção de comunidade, por bell hooks (2021), na qual a autora explicita a comunhão em conjunto como forma de resistência, fortalecida pela abertura radical, pensamento crítico e amor nas relações pedagógicas.

METODOLOGIA

Apresentaremos as ações organizadas por segmento de atuação, começando pela turma de segundo ano. As propostas nasceram do diálogo com as atividades realizadas pelas professoras da escola, de uma comunhão com os princípios que apreendemos e cultivamos ao participar dessas práticas e da mediação da docente supervisora dos Anos Iniciais. O ponto de partida para discutir a noção de pertencimento em uma perspectiva socioambiental foram as propostas das docentes para a festa do Boi-Falô e do Carnaval de blocos de rua, tradições da região do subdistrito de Barão Geraldo, onde a escola está situada.

Para tanto, no mês de março de 2025, os alunos foram instigados a repensar suas relações com o rio e seus trajetos casa-escola como ambiente de interação, discutindo aspectos como poluição e inundações que ocorrem próximo às moradias de parte dos estudantes. Dessa forma, os rios que cruzam Barão Geraldo, conectados às suas vivências fora e também dentro da escola, foram disparadores de estudos sobre a tradição carnavalesca e sobre as questões de degradação do ambiente implicadas nessa relação. Por meio da canção de um bloco de rua da região, “O rio sou eu e é você” do Bloco do Ribeirão (Cisco, 2025), e da





confecção de enfeites carnavalescos de peixes, barcos e de cartazes, os alunos partiram para a rua celebrar, ocupando o espaço estudado, reivindicado e construído socialmente.

Já a festa do Boi-Falô partiu da tradição de contar, com enfoque socioambiental e histórico, uma lenda tradicional de Barão Geraldo de um boi que fala em pleno dia de descanso religioso, na Sexta-feira Santa, uma história que remete ao período em que pessoas escravizadas trabalhavam nas plantações de café na região da atual escola (Piton, 2025).

Com o intuito de dar continuidade à temática do Ribeirão das Pedras, elaboramos um grande mapa no qual o percurso do rio foi destacado (Figura 1a). A partir dele, realizamos intervenções para relacionar o objeto de estudo a referências significativas para os estudantes, como suas residências, a escola e outros espaços de convivência e afeto, a exemplo de parques e praças. Ao estabelecer a proximidade entre esses locais conhecidos e os Rios da região, buscamos estimular a descoberta, o cuidado e a discussão sobre aquilo que foi e problematizado em sala de aula, extrapolando-a.

Usando a plataforma Google Maps® e o vídeo Barão Visto do Alto (Cid, 2016), traçamos rotas de Barão Geraldo conhecidas pelos alunos, investigando como as paisagens se modificavam em diferentes pontos. Por meio da observação desses trajetos, discutimos os impactos do processo de expansão urbana, devastação e canalização dos rios, que ao longo do tempo culminaram na modificação da paisagem e das estruturas vegetais. O compartilhamento de lugares permeados pela vivência e memória com os colegas animou a discussão entre pares, destacando como alguns dos alunos viviam em áreas mais urbanizadas, com menos vegetação, enquanto outros estavam mais próximos da área rural.

Continuamos o trabalho a partir da observação da vegetação no entorno da escola, com o propósito de identificar características das plantas que fazem parte e se relacionam com o cotidiano dos alunos. Investigamos a importância da água e luz para a vida, os órgãos vegetais das plantas, assim como suas funções, de acordo com o currículo previsto para o segundo ano (Brasil, 2018). Exploramos a vegetação da escola e seus arredores, caracterizando as partes de cada planta, sua origem em relação ao ambiente (exótica ou nativa), e suas interações com a atividade humana (Figura 1b).

Figura 1a: Uso do mapa por alunos da escola.



Figura 1b: Achados da saída investigativa.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

A proposta partiu da realidade concreta das crianças, dentro e fora da escola, para relacioná-las aos conhecimentos produzidos e sistematizados. Ao observar as plantas dos arredores e os lugares em que eles brincam todos os dias, pudemos ressignificar seus elementos e partir para generalizações sobre os órgãos vegetais (folhas, caules, raízes), a urbanização, o assoreamento dos rios e o confinamento radicular. As explorações, guiadas por roteiros de observação e espaços para desenho e escrita, também foram acompanhadas de coletas de flores, galhos, frutos e folhas para a observação de tais elementos no microscópio (Figura 2), de modo que o espaço tornou-se objeto de investigação.

Figura 2: Utilização do microscópio.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.



Trazemos agora as atividades realizadas junto aos oitavos anos. Desde o primeiro encontro com a turma tivemos um certo inquietamento para com as relações já estabelecidas. Notamos a presença de algumas situações de agressividade e pensamos em considerar esse cenário na elaboração de atividades do nosso trabalho. Em conjunto com a supervisora dos Anos Finais, iniciamos o projeto que posteriormente foi intitulado de “Nossa Escola” e começou no mês de maio, com término previsto para o final do ano letivo de 2025. O objetivo foi/está sendo construir com os alunos a percepção do impacto de nossas ações para a existência do ambiente em que vivemos, inclusive na saúde mental das pessoas. Na primeira etapa, propusemos uma dinâmica na qual os alunos escreveram, de maneira anônima, quais âmbitos da escola já existentes poderiam ser diferentes e o que desejavam que adentrasse o cotidiano escolar que não estava sendo levado em consideração. As respostas nos mostraram as concepções da turma sobre o assunto e foram muito diversas, incluindo apontamentos envolvendo a convivência com os meios sociais da escola e a disposição da estrutura da instituição. Durante a ocasião, alguns afirmaram que não havia sentido em expressar suas insatisfações, pois não acreditavam na mudança do cenário.

Após esse primeiro contato, sugerimos um momento de diálogo sobre as respostas que apareceram com maior frequência na atividade, para que pudéssemos pensar juntos em alternativas para as questões apresentadas. Isso foi feito em duas aulas, nas quais aconteceu uma roda de conversa, que buscou discutir novos modos de resolver as insatisfações e conflitos que surgem no ambiente escolar, visando fugir da lógica de comunicação agressiva ali instaurada, sempre considerando e evidenciando como os estudantes são protagonistas na construção dos lugares que ocupam, seja ele a escola ou não.

Uma semana depois, seguimos esse mesmo movimento de manifestações anônimas, mas dessa vez solicitamos a expressão por meio de um desenho, dialogando com as conversas da aula anterior. Dessa forma, tentamos ampliar o repertório de maneiras que os alunos podem se expressar, trazendo diferentes opções, seja ela a escrita, o desenho ou a fala.

Ansiávamos por produzir com a turma uma horta coletiva e o cultivo de algumas plantas, ainda que no espaço da sala de aula, visto que uma questão que apareceu com frequência durante nossos diálogos foi a falta de contato com demais elementos da natureza na escola e a pouca quantidade de intervenções no espaço que os Anos Finais produzem



quando comparado com os Anos Iniciais. Infelizmente, em decorrência das reformas que estão acontecendo nas escolas do município, o planejamento precisou ser revisto e uma de suas etapas modificadas. A escola seria transferida de prédio por conta da reforma do telhado, mas isso acabou não ocorrendo.

Apesar disso, pensamos em intervenções rápidas por parte do PIBID e tivemos a ideia de enfeitar a porta da sala de aula. Com a utilização de folhas sulfite, lápis de cor e canetinhas, propusemos que eles fizessem qualquer tipo de manifestação, seja ela um desenho ou um texto, para ser colado na porta (Figura 3). Para nossa felicidade, a turma adorou a ideia e participou bastante da atividade.

Figura 3: Decorando a porta do oitavo ano A



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Após dialogar com uma especialista em comunicação não violenta e cultura de paz, nos foi sugerido o uso do baralho Grok⁶ para trabalhar o assunto, o qual foi comprado pela escola. O baralho consiste em trabalhar a cosmogonia da comunicação não violenta, foi criado por Jean Morrison e Christine King, posteriormente traduzido para o português. O jogo contém dois tipos de cartas, a de sentimentos e a de necessidades humanas, e por meio de dinâmicas lúdicas e divertidas, permite discutir resolução de conflitos, identificação de sentimentos e reconhecimento de carecimentos de suas vidas de forma natural, muitas vezes

⁶ Disponível em: <https://jogogrok.com/>. Acesso em: 20 de nov. 2025.



sem perceber que estão estudando sobre o tema. O jogo também foi bem aceito com a turma, que pediu para que jogássemos mais vezes.

Nosso trabalho se deu em diversas etapas, muitas das quais foram sendo replanejadas e se construindo pelo caminho, mas todas consolidadas pensando na necessidade do grupo em que estamos presentes e desejando sempre costurar sentidos coletivos em meio ao tecido esgarçado da convivência escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Consideramos a necessidade de tratar das temáticas do subprojeto de forma a dialogar com as vivências e experiências dos alunos, que são sujeitos nesse processo, promovendo uma formação humana multidimensional e interdisciplinar (Bertagna *et al.*, 2020). Ainda, assumimos uma perspectiva que ultrapassa o olhar naturalista para esses temas, ou seja, uma visão socioambiental, que não dicotomiza a relação entre o humano e os demais elementos do ambiente (Carvalho, 2004) para pensarmos nossas ações. Dessa forma, o trabalho em ambas as séries partiu da relação sujeito-lugar, tanto o ambiente físico quanto as relações interpessoais, de forma afetiva para constituir e construir saberes. Como destaca Silva (2018), pudemos ressignificar o espaço vivido como objeto de investigação, de forma a contribuir para desenvolver o sentimento de pertencimento.

Acreditamos que, a partir de objetivos compartilhados pela equipe do subprojeto, nossas ações se aproximam mesmo ocorrendo em turmas e contextos diferentes, com atividades distintas. Elas buscam disparar processos de mudança no modo como os alunos se relacionam com o ambiente escolar, possibilitando que eles se reconheçam como parte crucial para a existência desse espaço. Assim, ao conversarmos sobre as semelhanças presentes nas ações realizadas na escola, consideramos socializar essa vivência não só entre nós bolsistas do PIBID, mas entre a comunidade escolar como um todo.

Muitos foram os desafios para pensar em uma estratégia que alcançasse esse objetivo e depois de algumas discussões em reuniões do grupo, surgiu a ideia do “jornal do PIBID”: um registro constituído de forma coletiva, para divulgar as ações realizadas pelo nosso subprojeto e também promover espaço de formação e integração da equipe. A ideia avançou para a construção de um “mural” em uma das paredes do corredor da escola, pois assim não teríamos

engessamento a um molde jornalístico tradicional e seriam exploradas diferentes formas de expressão adequadas aos alunos e bolsistas (Figura 4). Dessa forma, assim fizemos a elaboração do mural na parede da escola em setembro/outubro de 2025.

Figura 4: Jornal-mural do PIBID na parede da escola.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Por meio das intervenções realizadas, nosso desejo foi contribuir para um ambiente onde prevaleça o respeito mútuo e a boa convivência, o que pode fazer com que cada indivíduo ali presente se sinta pertencente à escola e isso é algo que só pode ser construído visando o bem-estar coletivo. Entendemos que não há uma única forma de socializar essas vivências e que futuramente poderemos presenciar outros desdobramentos, sempre buscando considerar a complexidade das relações da comunidade escolar e seus participantes que, muitas vezes, apesar de ocuparem o mesmo espaço físico e desenvolverem atividades com focos similares, não constroem um diálogo significativo.

Além disso, outro desdobramento que consideramos positivo foi o pedido, por parte da coordenação dos Anos Finais do ensino fundamental, para ampliarmos o projeto “Nossa Escola” para outras turmas. Conforme relato da gestão, a tabulação das ocorrências dos alunos registradas na coordenação mostrou queda da frequência após nossas intervenções, o que ressalta a importância da presença do PIBID na escola.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhamos no sentido de discutir concepções "natureza", nas relações com nossos outros, com o ambiente escolar e com o contexto em que está inserido. A construção do mural também promoveu reflexões e respeito aos limites e potencialidades que uma equipe multidisciplinar grande pode apresentar: o que entendemos por coletivo, como negociamos o uso dos espaços da/na escola e como os compartilhamos, que estratégias para ampliar nosso diálogo lançamos mão para o planejamento comum? Nos apropriamos de uma parede de passagem para dizer à comunidade escolar que ali estamos constituindo a escola também. Pertencemos a ela. No mural estavam vozes e marcas dos estudantes e as nossas.

Acreditamos que por meio do projeto PIBID de que participamos, tivemos a oportunidade de discutir com os educandos sobre o que significa viver em comunidade, pensar na constituição dos ambientes experienciados e no impacto das nossas ações e percepções pessoais para a existência dos fenômenos citados. Ansiamos que a nossa atuação não seja passageira, mas que reverbere em suas vivências e que, mesmo com a nossa ausência, os educandos possam, de forma autônoma, propor atividades que dialoguem com os eixos trabalhados. Seguimos aprendendo com cada uma das turmas e professoras sobre a complexidade de constituímos grupos que se respeitam e nos ajudam a "[...]" ser mais [...] (Freire, 1998, p. 100) como nos ensinou Paulo Freire.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, às professoras parceiras da escola, às coordenadoras e supervisoras do subprojeto, à EMEF Dulce Bento do Nascimento, à equipe do subprojeto PIBID Interdisciplinar IV e à Unicamp.

REFERÊNCIAS

BERTAGNA, R. H. *et al.* Avaliação da qualidade social da escola pública: delineamentos de uma proposta referenciada na formação humana. **Políticas Educativas**, Paraná, v. 13, n. 2, p. 63-86, jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.





BUTLER, Judith. **Judith Butler:** Mourning Is a Political Act Amid the Pandemic and Its Disparities: This is the time to question the conditions that have structured the magnitude and disparities of this epidemic. Entrevistador: George Yancy.[S.I]: Truthout, 30 abril 2020. Disponível em: <https://truthout.org/articles/judith-butler-mourning-is-a-political-act-amid-the-pandemic-and-its-disparities/> Acesso em: 20 nov. 2025.

CID, E. **Barão vista do alto** [vídeo]. YouTube, 8 jul. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/4axrf5cthyM>. Acesso em: 25 jul. 2025.

CISCO, Laboratório. **O rio sou eu e é você.** Disponível em: https://youtu.be/_fLsPtSv5LM?si=TJZy866jCgGDA8oI. Acesso em: 08 out. 2025.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental:** a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

hooks, b. **Ensinando comunidade:** uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

PIBID UNICAMP. **Subprojeto Interdisciplinar IV:** Pedagogia, Enfermagem e Biologia. Faculdade de Educação, Unicamp. 2024.

PITON, F. **Festa do Boi Falô celebra tradição e memória na Praça do Coco em Barão Geraldo.** 2025. Disponível em: <https://www.campinas.sp.gov.br/noticias/122047/festa-do-boi-falo-celebra-tradicao-e-memoria-na-praca-do-coco-em-barao-gerald> . Acesso em: 21 maio 2025.

SILVA, A. S. Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 8, n. 16, p.130-141, 2018.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. Tradução de José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

